

EDITORIAL

Em sua terceira edição, a *Revista Caletrosκόpio*, do Programa de Mestrado em Letras: Estudos da Linguagem do ICHS/UFOP, apresenta uma diversificada seleção de textos das mais distintas vertentes teóricas, que proporcionam uma panorâmica das discussões em torno das Humanidades hoje. De um lado, ao colocar em foco a radical historicidade das práticas letradas e culturais - seja quando se trata de revisitar a herança da Antiguidade Clássica, seja quando, ainda, se propõem a narrativa a contrapelo do modernismo brasileiro, elegendo por eixo nomes não tão canônicos como Jorge de Lima ou Cyro dos Anjos -, todos esses trabalhos, cada qual a seu modo, sinalizam para um delicado jogo de proximidade e distância com a herança do passado, destacando também as exclusões e silenciamentos por trás do meta-relato hegemônico.

De outro - e aí está talvez o mais surpreendente -, não há dúvida de que, ao apostar na força e na fecundidade de um olhar imersivo nos textos, os pesquisadores reunidos neste número convergem na busca de uma saudável polinização recíproca entre estudos linguísticos e literários, em sintonia com o que já, aliás, fora proposto por Jakobson num célebre e cada vez mais atual ensaio. Inscrevendo-se, portanto, como um deliberado gesto de resistência face o avanço da compartimentalização acadêmica, trata-se de uma aposta, decerto - por mais heterogêneos e até antagônicos que sejam os resultados -, que passa também pelo empenho de tensionar/exorbitar as respectivas zonas de conforto de cada pesquisador, tendo como linha de força a busca de uma articulação mais consistente entre os vários níveis e escalas do objeto abordado, e como grande premissa e ponto de partida o compromisso de fazer jus ao fenômeno linguístico em toda a sua ambiguidade e polivalência.

Não se trata, com toda certeza, de uma tarefa pequena, e, no entanto, no compromisso em não escamotear tais complexidades - desenhando assim algo como um movimento em paralaxe em torno de um centro evasivo - reside sem dúvida muito da potência contraintuitiva da melhor teorização contemporânea, de Norbert Elias a Jacques Derrida, de Shoshana Felman a Viveiros de Castro; potência capaz de fazer, quando menos se espera, com que sejam as próprias distinções entre perto x longe e dentro x fora que se tornem momentaneamente ociosas, suspensas e/ou indecíveis, e, nas sutilezas e filigranas que a leitura em microscopia revela, torne-se possível, então, entreler as refrações, ecos e reverberações dos movimentos crispados da História.

Os Editores